
Kittler na Universidade: a “expulsão do humano das Humanidades”¹

Marcio TELLES²

Resumo

O artigo explora os escritos do teórico alemão das mídias Friedrich Kittler tendo por chave de leitura a dimensão pedagógica de seu pensamento, sobretudo ao analisar a medialidade do sistema universitário. A partir da leitura atenta de seu *Aufschreibesysteme 1800/1900*, resgata-se os conceitos de “sistema de (a)notação” e “técnicas de cultura”, nas duas primeiras partes. Na terceira, usa-se essas duas ideias para esclarecer a proposta kittleriana de “expulsar o humano das Humanidades”. Ao fim, demonstra-se que Kittler almeja refundar as Ciências Humanas tendo como base os Estudos de Mídia, uma proposta instigante para a área de Comunicação.

Palavras-chave: Friedrich Kittler; teoria alemã das mídias; universidade; técnicas de cultura; pedagogia.

Introdução

A Universidade e o sistema universitário (sobretudo alemão) sempre foi um dos focos privilegiados das análises mediais de Friedrich Kittler (1943-2011). Para Kittler, as técnicas, tecnologias, culturas e instituições que compõem o sistema universitário germânico expressam as “condições de possibilidade” do pensamento universitário. A obra kittleriana pode mesmo ser entendida como uma história das condições tecnológicas da Universidade (FRIESEN E CRESSMAN, 2010) em sua relação com os intelectuais que elas “treinam” e (in)formam, a partir de um conjunto de técnicas de acultramento. A intenção declarada de “expulsar o humano das Humanidades” passa pela compreensão das mudanças mediais dentro da Universidade, algo que Kittler pensa não ser suficientemente endereçado pelos administradores universitários.

Existem, portanto, pressupostos pedagógicos no pensamento kittleriano (KRAPP, 2011), que são intrínsecos à proposição de seu “programa” de estudo e a reiterada afirmação da obsolescência do modelo universitário atual (não apenas germânico, mas mundial), e sua necessidade de expansão para abarcar as novas tecnologias de mídia e a “situação” que lhes acompanha. Nesse sentido, Kittler opõe dois conjuntos de conhecimento: as Ciências Humanas (que, em alemão, se chamam *Geisteswissenschaften*, ou ciências do espírito) às Ciências (das Técnicas) da Cultura (*Kulturwissenschaften*). Em

¹ Trabalho apresentado no GP Teorias da Comunicação, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor e Mestre em Comunicação e Informação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, com estágio doutoral na Winchester School of Art, Universidade de Southampton, Reino Unido.

Kittler, dependendo da inclinação política do leitor, podemos ver seu argumento como apoiador desta obsolescência ou, ao contrário, como um arauto das mudanças necessárias para sua adaptação. Todavia, mesmo tais leituras dicotômicas são difíceis em se tratando deste autor.

Partido das revisões de Kittler como um autor preocupado com a dimensão pedagógica dos meios (VON HERMANN, 2018; KRAPP, 2011; FRIESEN E CRESSMAN, 2010), o objetivo deste artigo é pensar a medialidade da universidade como chave de leitura para dois dos conceitos mais intrincados de Kittler – *Aufschreibesysteme* (“sistema de transcrição” ou de “(a)notação”) e *Kulturtechniken* (“técnicas culturais” ou “de cultura”). Por último, pensamos que essa chave de leitura ajude a tornar mais claro a necessidade que Kittler sente de refundar as Ciências Humanas. Seguiremos o seguinte percurso: na próxima seção, focaremos em sua *Habilitation*, a partir de uma abordagem hermenêutica e sistêmica combinada, pois ela nos permitirá tanto compreender o conceito trabalhado por Kittler como entender as fissuras que ele provocou no sistema universitário alemão – o que, na leitura kittleriana, aponta para o descompasso medial desse sistema. A seguir, mostraremos como a pedagogia é um local privilegiado para observar em ação a ideia de “técnicas de cultura” apresentada por Kittler já em seus escritos iniciais. Por últimos, debateremos de forma breve as mudanças mediais da Universidade, um descompasso que Kittler ver sendo sanado pela “expulsão do humano” das Humanidades, o que resultaria na substituição da Filosofia pela “Midiologia”³ (*Medienwissenschaften*) como “ciência-mestra”.

Sistemas de (a)notação e transcrição

Em 1987, aos 44 anos, após uma breve passagem pela Universidade da Basileia, o germanista Friedrich Adolf Kittler aceitou o convite para assumir a cadeira de professor de Literatura Alemã Moderna na Ruhr-Universität em Bochum, conhecida como o principal centro na Alemanha de recepção às ideias de Foucault (WINTHROP-YOUNG, 2011, p. 16). O convite não viera sem alguma dose de suspeita, visto que Kittler estivera envolvido na principal polêmica que animara os círculos de estudos em Literatura Alemã durante a primeira metade da década: a defesa de sua *Habilitationsschrift*⁴.

³ O termo não é de Kittler, nem guarda semelhanças à proposição de Debray. Estou utilizando-o apenas para efeito narrativo, pela semelhança etimológica com Filosofia.

⁴ Habilitação é a segunda dissertação, a ser publicada na forma de livro, que qualifica formalmente os candidatos ao cargo de Professor na universidade alemã. Às vezes, é traduzida como “tese pós-doutoral”

De acordo com os teóricos de gerações mais recentes, a quantidade de material gerado por este processo – um livro, onze avaliações, dois prefácios e um epílogo – são nada menos que “lendários” (SPRENGER, 2016, p. 71). Completada em 1982, a tese pós-doutoral que viria a ser o livro *Aufschreibesysteme 1800/1900* (KITTLER, 1990) foi negada em sua primeira apresentação à Universidade de Friburgo, onde Kittler se graduara nos anos 1960 e seguira o percurso da pós-graduação alemã com uma tese de doutorado sobre o escritor suíço Conrad Ferdinand Meyer⁵. Normalmente, o processo de avaliação é concluído com três avaliações positivas. No caso de Kittler, foram necessárias onze. Kittler demorou dois anos – um dos quais passou em Stanford, nos Estados Unidos – até ter sua tese aprovada em 1985. A essa altura, já trabalhava em seu próximo livro.

A leitura das onze avaliações, publicadas junto do prefácio original em um número editado por Ute Holl e Claus Pias em 2012 da revista *Zeitschrift für Medienwissenschaft*, deixa claro que os avaliadores sabiam do potencial “revolucionário” do material que possuíam em mãos. Um dos pedidos da mesa avaliadora foi a redação de um novo prefácio, completado em 1983, condensado em um epílogo à segunda edição do livro, de 1987, e publicado na versão em inglês em 1990⁶. Tanto no livro quanto na tese pós-doutoral, é apenas nesse texto complementar que Kittler oferece qualquer definição do conceito *Aufschreibesysteme* – respectivamente, no início do epílogo e no início do prefácio. Somavam-se a isso outras acusações de desprezo às boas práticas acadêmicas: ausência de introdução, não-explicitação de metodologia, recusa em situar a obra em relação à revisão bibliográfica. Os pareceristas mais intransigentes julgaram o texto “arbitrário”, “incomunicativo”, “modista”, dotado de uma “linha peculiar de pensamento autista” e de “associações patologicamente idiossincráticas” (citados em SPRENGER, 2016).

Especialmente impiedosa é a avaliação do filólogo Hans-Martin Gauger (1935-), que considerou o texto de Kittler “aquém dos padrões científicos [...] Ao reconhecer este trabalho, nós estabeleceremos um precedente com implicações abrangentes” (citado por Sprenger, 2016, p. 76, tradução nossa). Trinta e cinco anos mais tarde, ele não poderia ter estado mais certo: o tipo de pesquisa que Kittler estava propondo não apenas produziu

(por ex. Sprenger, 2016, p. 71). Seguirei esta tradução quando me referir a este trabalho nas páginas seguintes. É mais ou menos equivalente à tese de livre-docência no Brasil.

⁵ Meyer (1825-1898) é um autor de novelas históricas pouco conhecido fora dos países de língua alemã. Vivo durante a Guerra Franco-Prussiana (1870-1871), suas novelas se caracterizam pela liberação de energias latentes durante uma grande crise que acaba precipitando catástrofes.

⁶ O prefácio original está traduzido em inglês (Kittler, 2016).

novos objetos e uma nova perspectiva para as suas disciplinas (a Literatura e a Germanística), como também “permitiu que os pontos cegos de outras disciplinas – ou seja, as condições técnicas de suas mídias – fossem levados em conta” (SPRENGER, 2016, p. 74, tradução nossa).

Isso é consequência direta das quatro páginas do posfácio que Kittler escreveu para combater críticos como Gauger. Ali, ele define *Aufschreibesysteme* como “redes de tecnologias e instituições que permitem a uma dada cultura selecionar, armazenar e processar dados [*data*] relevantes” (KITTLER, 1990, p. 369, tradução nossa). O termo é apropriado do juiz e esquizofrênico Daniel Paul Schreber, que relatou sua doença em *Denkwürdigkeiten eines Nervenkranken*⁷ (SCHREBER, 1903/1984), um trabalho influente para a psicanálise devido a seu estudo de caso por Freud (2010) e Lacan. Para Schreber, *Aufschreibesysteme* designava o mecanismo misterioso e alucinatório através do qual seus pensamentos eram transcritos no exato momento em que apareciam (Schreber, 1984, p. 95-98). Esse sistema era responsável pela transcrição automática e anônima de todo o pensável em uma materialidade não localizável.

Para Kittler, *Aufschreibesysteme* é o “sistema de transcrição” que não apenas anota os pensamentos no momento em que acontecem, mas que é inseparável desse mesmo acontecer. O pensamento não é exterior à própria “materialidade” ou imanência de sua expressão, quer dizer, de sua própria “transcrição”. É nesse sentido que a materialidade (a transcrição) é a ferramenta heurística de um *medium*, desde que se reconheça que o *medium* não existe para além do que é transcrito.

No original, o termo *Aufschreibesysteme* pode ser traduzido como “sistemas em que/com os quais se escreve”, o que leva a tradutora para o português propor “sistemas de transcrição” e de “(a)notação” (SCHREBER, 1984). Na tradução para o inglês do livro de Schreber, o termo é traduzido para “*The-writing-down-system*” (SCHREBER, 2000 p. 115-129), bastante parecido com o sentido original. A tradução problemática é “*Discourse networks*” e a posterior adaptação para o português “redes discursivas”, pois sugere que Kittler está se ocupando principalmente de discursos. É em parte verdade, pois é preciso notar que os discursos, para Kittler, são consequências diretas das materialidades da comunicação (as mídias). Portanto, seu tipo de análise do discurso investiga os limites do enunciável como reflexo da inscrição automática maquinica (o

⁷ Algo como “Memórias da minha doença mental”.

“sistema de transcrição” de Schreber). Por isso mesmo, o conceito de *Aufschreibesysteme* possui dentro o conceito kittleriano de mídia – aquilo que “armazena, processa e transmite informação” (KITTLER, 2019) – ainda que, como explica Sprenger (2016), o conceito de mídia de Kittler é uma adição posterior ao trabalho.

Kittler positiva o “discurso” como uma “rede discursiva” imanente aos meios técnicos de reprodução, armazenamento e transferência (mídias), instituições de pedagogia e estratégias de interpretação. Em sua famosa interpretação do *Fausto* de Goethe a partir da figura materna (KITTLER, 1990, p. 25-69), Kittler localiza a Mãe como a fonte do discurso Romântico e como o produto desse mesmo discurso. A rede do início do século XVIII se referia, cada vez mais, à figura materna como responsável pela socialização de seus filhos. Essa socialização se dava a partir do ensino de *Kulturtechniken* (“técnicas culturais” ou “técnicas de cultura”, já retornaremos a este conceito) como escrita e leitura, sobretudo através da materialidade da voz da mãe. Em uma passagem famosa, Kittler irar mostrar como a poesia romântica de Schiller é também uma técnica mnemônica para a alfabetização. Nessa rede discursiva “1800”, a Mãe é o sistema de transcrição, o ponto nodal de atualização dos fatos discursivos e empíricos, a manifestação da presença dessa rede.

As “redes discursivas” importam na medida em que se configuram como o horizonte do pensável, mas esse só é materialmente atualizado através das tecnologias que o viabiliza, que compõe efetivamente um “sistema de transcrição”. O treinamento para o “sistema de transcrição” permite a entrada na “rede discursiva”. Mais do que isso, é a própria cultura que se torna uma máquina de processamento de dados: ela “maquina”, no sentido de produz, as mesmas relações nas quais se baseia. A partir daí, decorre que, *logicamente* – tanto no sentido filosófico quanto no matemático – tudo que é produzido sob a égide de uma rede discursiva/sistema de transcrição é produto dos parâmetros próprios de seu programa. Não existe fora da rede discursiva. Como brinca Winthrop-Young (2006, p. 97, tradução nossa), nesse esquema, a “Fenomenologia do Espírito de Hegel é submetida à desespirtualização tecnológica”.

Para Kittler, os novos regimes tecnológicos introduzidos pelas mídias técnicas na forma de *hardwares* (gramofone, filme, máquina de escrever), e mais tarde, como “insubstanciais” *softwares* de computador (linguagem computacional), devem ser metodologicamente vistos como linguagens que impõem novos regimes de sensação e nos produzem subjetivamente em novas redes discursivas. Os poemas de Goethe, por

exemplo, não passariam de uma técnica de cultivar – de programar – a nação em uma estrutura social e familiar específica. Mais do que a produção de sentido, importa para Kittler compreender as mídias e os discursos como produtores de afetos e corpos dóceis. Ao retomar a psicofísica do século XIX e externalizar o aparato sensorio-motor humano, Kittler brinca perigosamente com a biopolítica foucaultiana, o que, no mínimo, gerou-lhe alguns mal-estares (WINTHROP-YOUNG, 2011) dado o passado complicado da política alemã (SIEGERT, 2013).

Em uma das avaliações positivas à tese de Kittler, Gerhard Kaiser, de quem Kittler fora orientando durante o doutorado e assistente de pesquisa (*wissenschaftlicher Assistent*), cria um termo que seria usado tanto por Kittler quanto por outros: “*cultural-technical control loops*” (SPRENGER, 2016). A análise dos “circuitos de controle técnico-culturais” é o que desencadeia o projeto pelo qual sua carreira ficará marcada: a análise do “discurso sobre as condições discursivas do canal”. Convém notar que Kaiser havia contribuído com um ensaio para a coletânea organizada por Kittler e publicada em 1980, *Austreibung des Geistes aus den Geisteswissenschaften* e, portanto, estava ciente do projeto geral de seu ex-pupilo.

Em meados dos anos 1980, todavia, o projeto de Kittler parecia sem futuro. Talvez devido à recepção complicada de seu primeiro trabalho, Kittler, observando-se em desacordo com o *status quo* acadêmico da Germanística e da Literatura, tenha ampliado o leque de suas mídias de análise a fim de cavar um nicho próprio. Adentrava, assim, no campo da *Medienwissenschaft*, marcada pelo trabalho então de teóricos como Friedrich Knilli (1930-) e Hans Magnus Enzensberger (1929-).

Cunhado em 1972 por Knilli (PIAS, 2016, p. 17), o termo *Medienwissenschaft* visava distinguir seu campo de estudo da *Publizistik und Kommunikationswissenschaft*, fato que se contrapõe à narrativa favorita dos Estudos de Mídia como uma “invenção” de Kittler. Todavia, se Kittler voltou-se aos Estudos de Mídia, lhe deu um estofo que não possuía: a precisão do conhecimento técnico. Pois, como concordará até o mais ferrenho crítico de Kittler, em questão de engenharia elétrica, programação de linguagens de computador e engenharia de *hardware*, Kittler sabe do que está falando. Em meados de anos 1980, ele dedicara-se à construção de um sintetizador analógico que precisava de um programa específico para operar. O *design* tanto do circuito quanto de seu software foi feito nas margens do manuscrito de *Aufschreibesysteme 1800/1900*. O *hobby* gradativamente levou Kittler a preocupar-se com os limites da mídia: seu objetivo passou

a ser “descobrir o que uma mídia poderia fazer: [...] Como [ele poderia] otimizar processos e extrair os últimos poucos hertz do processador?” (FEIGEFELD, 2015, p. 2, tradução nossa). Por toda a carreira subsequente, Kittler tornar-se-á um advogado entusiasta do ensino de linguagens de programação na educação básica.

Kittler, o pedagogo das técnicas culturais

No primeiro texto publicado por Kittler⁸, datado de 1978, ele define a educação infantil burguesa como uma estratégia de controle através da reprodução por meios semióticos, técnicos, escriturais, literários e biológicos, dos traços culturais que assujeitam o indivíduo e ajudam a identificá-lo como jovem, alemão, burguês. Se mantivermos aberta a definição de mídia apenas para os três processos identificados por Kittler (2019) – armazenamento, processamento e transmissão – não fica muito difícil de compreender “educação infantil burguesa” enquanto uma mídia. Estaria em operação a transmissão de uma rede discursiva “burguesa” através de uma mídia – a educação – que exige treinos, exercícios e provas. Mídia, nesse caso, não é o foco de análise, mas a ferramenta heurística que permitirá a Kittler investigar a rede discursiva e as técnicas culturais que lhe interessavam.

Lido desse ponto de vista pedagógico, *Aufschreibesysteme 1800/1900* apresenta as mães com suas cantigas de ninar inspiradas em Goethe e Schiller como relés educacionais em um circuito fechado de transmissão e treinamento da língua, da qual o produto são as primeiras gerações alfabetizadas da classe média alemã. Nesse conjunto, “Mãe” é uma mídia, pois armazena, processa e transmite informação para seus filhos, treinando-os nas técnicas de alfabetização, leitura e escrita. Cantigas que marcam o “o” servem para gravar nos filhos como reproduzir a posição dos lábios para a pronúncia correta. As demandas de calar-se e ouvir atentamente treinam o corpo para suportar os anos vindouros nos bancos escolares. Mais do que intelectual, o treinamento é, antes de tudo, físico e corporal, baseado na transmissão de posturas necessárias para a participação em uma “Sociedade de Letrados”. A Mãe é a primeira instituição responsável pela domesticação (um termo não gratuito) de humanos através da reprodução cuidadosa de protocolos preestabelecidos a partir das próprias técnicas. Mesmo a “Mãe” como executora de um protocolo de treinamento imbuída da transmissão de técnicas culturais é

⁸“*Erziehung ist Offenbarung*” (citado em GEOGHEGAN, 2016), literalmente “Educação é revelação”.

o produto de outras técnicas e tecnologias culturais: a mudança no papel materno é produto da melhoria de situação social da iminente classe média, com as mulheres deixando as horas de lida de campo para cuidar dos infantes. Entre as primeiras gerações a passarem por esse processo de treinamento, estava a de Nietzsche, que não deixou de perceber

[...] os remotos processos milenários pelos quais, graças a um íntimo entrelaçamento de criação, domesticação e educação, a produção de seres humanos foi até agora empreendida – um empreendimento, é verdade, que soube manter-se em grande parte invisível e que, sob a máscara da escola, visava ao projeto de domesticação (SLOTERDIJK, 2000, p. 51).

O humano é a consequência da técnica, não seu *a priori*. Para Kittler, importaria, então, estudar as “mídias” como treinadoras, domesticadoras e produtoras de seres humanos. Como nota Sloterdijk (2000, p. 39), isso “faz explodir o horizonte humanista”. Nesse sentido, as mídias devem ser pensadas como pontos transitórios em uma história maior da produção e da domesticação humana.

Comentaristas da obra de Kittler ressaltam como, no fim de sua carreira, ele teria abandonado o projeto “midiológico” para dedicar-se a um quase incompreensível estudo sobre as origens do alfabeto grego a partir das técnicas de notação musical e da matemática. Para esses comentaristas, a impossibilidade de falar das condições tecnológicas atuais das “novas mídias” em suas diversas formas como dispositivos móveis, interconectados e “pós-digitais” (GEOGHEGAN, 2013); a recusa a olhar para outros contextos que não o Ocidental (entenda-se europeu e alemão; Winthrop-Young, 2011) e o desdém por questões éticas e políticas (PETERS, 2010), fez com que Kittler reorientasse seus estudos para a Grécia Antiga, onde, protegido pela distância do tempo, teria tranquilidade para trabalhar. Sua mudança de foco deixou a maioria de seus discípulos sozinhos, “escrevendo histórias técnicas de mídias mortas e de teóricos falecidos” (GEOGHEGAN, 2013, p. 69, tradução nossa). Todavia, se observada pelo prisma da TAM como a investigação sistemática das técnicas culturais de produção de seres humanos, a suposta reviravolta nos interesses de Kittler faz perfeito sentido. Talvez não seja sequer uma virada: deslocando-se da leitura “midiática” de seu projeto, é possível perceber que as mídias meramente pontuam o estágio mais recente na *longue durée* das práticas culturais da leitura e da escrita, sobretudo na Europa. Se esta hipótese for verdadeira – e acreditamos que seja –, contraria-se anos da recepção internacional de Kittler em particular e da TAM como um todo, que tem privilegiado um ponto de vista

sobre as mídias em par com a leitura “mcluhaniana” de como as condições tecnológicas “moldariam” a cultura.

Relendo as técnicas de ensino como técnicas impessoais para a produção de endereçamentos aparentemente autônomos (ou seja, no mesmo nível de seus sistemas de transcrição), fica claro que não está em jogo apenas a produção de um leitor através da prática da leitura, mas que qualquer técnica de leitura pressupõe um relé de endereçamento que precisa ser ocupado. O sistema educacional seria mais semelhante à planta-baixa de um computador (e vice-versa) do que qualquer sonho Iluminista de uma sociedade orgânica: há casas que precisam ser ocupadas, circuitos que têm de ser formados, condições que exigem serem atendidas e correntes “elétricas” que demandam transmissão, a fim de serem reinseridas no sistema através de controles de *feedback* – como testes e provas – antes que o produto dessa máquina despeje sua produção: mais um estudante burguês. Toda sociabilidade seria técnica, produtivista e maquinica.

O cerne de *Aufschreibesysteme 1800/1900* é a relevância das técnicas de escrita e leitura mediadas por tecnologias de mídia para a formação subjetiva e seus impactos no estabelecimento das instituições de ensino, compreendidas como reprodutoras de modelos técnicos. A educação, como qualquer outra técnica cultural, pode ser decomposta em séries de operações ou protocolos. Como nota Winthrop-Young (2013, p. 14), falar em *operações* permitiu à Kittler estudar práticas sem precisar de um conceito de *sociedade*. Isoladas enquanto linhas como as de um programa de computador, o que as operações executam é uma série de objetivos que precisam ser controlados a fim de que o programa rode até seu fim.

Por conseguinte, de um ponto de vista técnico-cultural, o problema parece ser sobre as habilidades necessárias para a existência individual na era das mídias eletrônicas e suas imagens técnicas (sobretudo em KITTLER, 2019). Em outras palavras, “O que significa *Bildung*⁹ para nós hoje?” (LÖFFLER; LOVINK, 2013, p. 550, tradução nossa). Como percebe Von Hermann (2018), esse projeto aproximaria as duas figuras de proa dos estudos de mídia alemães e canadenses (Kittler e McLuhan, respectivamente) muito mais do que as formulações teóricas que parecem compartilhar. Ou, colocando de outra maneira: é porque existe um interesse pela dimensão pedagógica das tecnologias de

⁹ *Bildung* é traduzido, largamente, como “educação, formação, cultivo” e indica o processo de maturação individual e intelectual através do estudo, sobretudo filosófico, como proposto, mais famosamente, por Humboldt. O termo tem relação com *Bild* (imagem) e por isso pode ser às vezes traduzido também como *forma e criação*.

mídias na era elétrica-eletrônica que se torna possível alterar o foco de análise dos “conteúdos” (da hermenêutica) para os “meios” (a não-hermenêutica, segundo GUMBRECHT, 2010).

A medialidade da universidade

Não obstante o texto de *Aufschreibesysteme 1800/1900* estar recheado de estudos de caso sobre as técnicas de leitura, alfabetização e escrita, convém também observá-lo enquanto materialidade dentro de um sistema de (a)notação chamado Universidade. Seguindo o princípio de “exterioridade” (GUMBRECHT, 1998), é preciso compreender esse livro como uma expressão que torna claro os limites da rede discursiva (do que é aceitável ser estudado) e do sistema de transcrição (os circuitos que permitem avaliar e conferir títulos acadêmicos) da universidade alemã dos meados dos anos 1980. Como já notaram tanto Geoghegan e Kassung (2016) quanto Sprenger (2016), a indecisão a respeito da apresentação da *Habilitationschrift* de Kittler à Universidade de Friburgo demonstrou que a Universidade na Alemanha Ocidental praticava técnicas culturais de outra época. Esse sistema universitário contra o qual Kittler se contrapunha nos anos 1980 ainda possuía alguns “[...] remanescente do monoteísmo [...] do legado monástico datado da Idade Média” (KITTLER, 2004, p. 251, tradução nossa). Não obstante a expansão do conceito de “texto” para a inclusão de outras produções além de livros (STANITZEK, 2005), a Universidade alemã ainda tinha dificuldades em incluir alguns dos “objetos empíricos” não-usuais apresentados por Kittler (como, p.ex., mães). Nesse sentido, a Universidade da época não possuía os parâmetros – os conjuntos de regras e protocolos – necessários para avaliar o trabalho apresentado. Como deixaram claro alguns dos avaliadores, a recusa em seguir os parâmetros vigentes fora compreendida como uma afronta à própria universidade (SPRENGER, 2016). Eventualmente, a aceitação da habilitação de Kittler aponta para a capacidade de expansão do sistema universitário através da inclusão da irritação (nesse caso, a *Habilitationschrift*), o que só é possível pelos mecanismos de *feedback*, de observação de segunda ordem no sistema. Essa capacidade de auto-observação não vem sem receios, como nota um dos comentaristas quando confessa seu temor em relação à validação daquele trabalho pelos parâmetros então contemporâneos (SPRENGER, 2016). A inclusão do que era então excluído acaba por levar o sistema de transcrição universitário em direção a uma nova rede discursiva (GEOGHEGAN; KASSUNG, 2016) capaz de incluir “objetos empíricos” não-

hermenêuticos, supostamente atualizando a Universidade – sobretudo os departamentos de Humanas – para os séculos XX e XXI.

Se tomada como um “discurso sobre as condições discursivas do discurso”, as duas partes de *Aufschreibesysteme 1800/1900* (KITTLER, 1990) mostram duas imagens da educação e do ensino alemão. A primeira cena descreve a rede discursiva ao redor da fundação da universidade alemã moderna pelos reformistas Wilhelm von Humboldt, Johann Gottlieb Fichte e Friedrich Ernst Daniel Schleiermacher. Nesse modelo fortemente inspirado na tradição de *Bildung* e na ideia de *Kultur* como cultivo, a Filosofia é a disciplina colocada no epicentro universitário, fazendo convergir todo o conhecimento em sua direção. Esse paradigma serve de base para as *Liberal Arts* nos Estados Unidos e em outros países do mundo, e sua influência sustenta a epistemologia até hoje¹⁰. Na segunda metade do livro, Kittler foca na substituição do sistema de transcrição acadêmico um século antes por uma rede técnica-tecnológica de mídias que processam dados. Com o gramofone, o cinema e a máquina de escrever, as *Geisteswissenschaften* (Humanidades) chegavam ao fim no exato momento em que Wilhelm Dilthey as conceituava (como diz McLuhan, um ambiente só se torna visível pelo retrovisor).

O que as novas tecnologias de 1900 mostram é que todo conhecimento sempre fora intermediado pela técnica e pela tecnologia. O engajamento com os meios técnicos abriu um horizonte de preocupações sobre sua influência nos processos comunicacionais e sociais, algo não resolvido até hoje, mas de forma algum inédito ao sistema de transcrição 1900 (vide CRARY, 2012, sobre as angústias das novas tecnologias do observador). Ao mesmo tempo, essa percepção de que a tecnologia tem papel no que é possível pensar e comunicar permite indagar o estatuto técnico das outras técnicas/tecnologias que pensávamos serem naturais do homem, como a fala, a escrita e a leitura. Afinal, “Nunca há um documento da cultura que não seja também um documento da tecnologia” (WYNTHROP-YOUNG, 2013, p. 383, tradução nossa).

Como sugere Flusser (2008), a era das imagens técnicas teria expulsado os números dos alfabetos. Portanto, se torna incompatível com a nova “situação” reduzir todos os livros à homogenia do *Geist* filosófico (KITTLER, 1993). Primeiro, porque não

¹⁰ Um exercício interessante é o da arquitetura epistemológica da Wikipedia. Ao clicar no primeiro link do texto principal de um artigo de seu banco de dados, e repetir o processo nos artigos seguintes, eventualmente se chegará ao verbete “Filosofia”. Segundo a própria Wikipedia, em fevereiro de 2016, 97% de todos os artigos em seu banco de dados levavam à Filosofia. Para uma explicação do mecanismo, ver <<https://en.wikipedia.org/wiki/Wikipedia:Getting_to_Philosophy>>, acessado em 28 de fevereiro de 2019.

existem mais apenas livros e textos; segundo, porque há linguagens formais construídas a partir de códigos numéricos, como as linguagens de computação. Ao contrário das linguagens alfabéticas e ideogramáticas, as linguagens numéricas podem ser lidas e escritas, mas não interpretadas: não há *Geist* para a qual elas poderiam servir como veículos. Talvez, recursivamente, jamais houvera Espírito algum: ele mesmo podia ser um produto da hermenêutica, não seu *a priori*. “Sob essas condições, *Geisteswissenschaften*, que por isso mesmo deveriam se chamar *Kulturwissenschaften*, só têm duas opções: mudar ou serem abolidas” (KITTLER, 1993, p. 16; citado por VON HERMANN, 2018, p. 187, tradução nossa). Como o empreendimento filosófico pós-Modernidade não levaria mais a um *Geist* universal, mas a devires contingentes localizados materialmente, o paradigma das *Geisteswissenschaften* é conflituoso. Ao contrário de um modelo universal convergindo em direção ao *Geist* através da Filosofia, multiplicar-se-iam os modelos de pensamento centrados nas tecnologias que instauram as próprias condições do que é possível pensar e comunicar. O pensamento deixaria de ser “filosófico” para ser tecno-tecnológico-cultural.

Desse ponto de vista, a máquina universal de Turing, que “processa, armazena e transmite qualquer dado que recebe, quaisquer livros-texto, medidas ou álgebra” (KITTLER, 2004, p. 249, tradução nossa) seria a única capaz de estabelecer uma “Ciência da Cultura” porque é ela mesmo quem modela a cultura à imagem-semelhança do computador, transformando a cultura em uma enorme máquina de processamento de dados. Existe um percurso histórico claro deste assalto das Humanidades pela máquina de Turing: dos departamentos de matemática onde começaram, passando pela física, química e medicina, os computadores finalmente chegaram aos departamentos de Humanas (KITTLER, 2004), onde se tornaram o neologismo *Digital Humanities*.

Depois da divisão do conhecimento nas línguas vernáculas, a computação é uma espécie de “neo-Latim”: pela segunda vez na história quase milenar da Universidade, ela é “tecnicamente uniforme simplesmente porque todos os departamentos compartilham o mesmo *hardware*” (KITTLER, 2004, p. 249-250, tradução nossa). Daqui em diante, toda ciência do *Geist* precisará de ao menos um especialista em computação. Se a língua latina “homogeneizava” o pensamento até a Era Moderna dentro de seu próprio horizonte técnico-tecnológico, o computador é o horizonte do pensamento no século XXI. Latim e computação servem de barreira técnico-cultural de acesso ao sistema de transcrição universitário: a falta de habilidades básicas de informática barra a entrada em qualquer

universidade, assim como a ausência de conhecimento de Latim impedia o acesso ao ensino superior na Idade Média. Cada época descreve e inscreve suas técnicas culturais.

Mas, assim como é preciso expulsar o Humano das Humanidades, é preciso tornar ambíguas as Ciências Exatas. Como todo departamento de Humanas precisará de especialistas em informática, todos os outros departamentos precisarão de especialistas em Humanas, vide as consequências cada vez maiores sobre a vida cotidiana e a sociedade resultantes das novas tecnologias informáticas. Logo, não é apenas uma espécie de “tecnologização” das Ciências Humanas, mas o reconhecimento de que “O futuro da universidade depende de sua capacidade de unir sistemas de transcrição separados de alfabetos e símbolos matemáticos em um superconjunto” (KITTLER, 2004, p. 252, tradução nossa).

Ao fim e ao cabo, toda Ciência seria Ciência da Cultura: tudo se resume ao estudo detalhado das técnicas e das tecnologias empregadas que sustentam os sistemas de transcrição e as redes discursivas dos empreendimentos científicos particulares. A Teoria da Cultura não é apenas *uma* teoria entre várias outras; é a teoria que transforma tudo em teoria da mídia. Assim como antes nenhum empreendimento do conhecimento existia sem uma discussão filosófica para assentar suas bases, hoje nada pode existir sem levar em consideração o “metanível” da medialidade. É a partir de uma superação da Filosofia pelos Estudos de Mídia que se deve entender o que é primeiro articulado por Kittler como “*die Austreibung des Geistes aus den Geisteswissenschaften*” [“A expulsão do Homem das Humanidades”, literalmente “A expulsão do Espírito das Ciências do Espírito”]. Mais do que apontar para uma possível superação do paradigma hermenêutico (como Gumbrecht), ou mesmo um revolucionarismo pós-humano (como Flusser), a proposta de Kittler preza pela reforma pedagógica do sistema universitário alemão, a fim de atualizá-lo para uma situação em que ler não é mais o ato clássico de interpretar, mas a compreensão das “[...] regras simbólicas, práticas materiais e tecnologias das quais surgem diferentes culturas midiáticas e de conhecimento” (VON HERMANN, 2018, p. 187, tradução nossa). Do mesmo modo como existem Filosofias das Ciências, das Artes, da Política, etc., é preciso que existam “Midiologias” das Ciências, das Artes, da Política, etc. As *Kulturwissenschaften* destronam a Filosofia como “*Wissenswissenschaften*”, ciência das ciências (KITTLER, 2004, p. 254).

Considerações Finais

O questionamento sobre as materialidades e as medialidades das ferramentas heurísticas de investigação, sobretudo as teóricas, ainda estão longe do horizonte acadêmico “normal”, e continua correndo o perigo de ser taxado de “tecnodeterminista”. Pensamos que essa seja uma discussão essencial em uma era em que as Humanidades têm sofrido ataques constantes, com propostas governamentais aqui e no exterior que almejam jogá-las à irrelevância, sobretudo sob a prerrogativa tecnológica. Por isso mesmo, a obra de Kittler se torna valiosa ao apontar para a dimensão medial do pensamento e sua possibilidade.

Nesse sentido, é possível pensar a produção teórica de Kittler como uma produção concreta de realidade, ou seja, também como técnica cultural a fim de deixar claros os limites sistêmicos da Universidade, como demonstra a breve biografia esboçada na seção dois e a recepção de suas ideias. Seu processo de *Habilitationschrift* inicia um circuito de exploração das condições de possibilidade discursiva dentro do ambiente acadêmico. Como já foi argumentado por este autor neste espaço em outras ocasiões (TELLES, 2016; 2018), cabe a nós prosseguir nesta trilha e investigar também a “arqueologia” do pensamento teórico – uma “midiologia” das Teorias das Mídias.

Referências

- CRARY, Jonathan. **Técnicas do Observador**: visão e modernidade no século XIX. Trad. Verrah Chamma. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.
- FLUSSER, Vilém. **O universo das imagens técnicas**: ou elogio da superficialidade. São Paulo: Annablume, 2008.
- FREUD, Sigmund. **Obras completas volume 10**. Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia ("O Caso Schreber"), artigos sobre técnica e outros textos (1911-1913). Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010
- FRIESEN, Norm; CRESSMAN, Darryl. Media Theory, Education and the University: A Response to Kittler's History of the University as a Media System. 2010. Disponível em: <https://www.semanticscholar.org/paper/Media-Theory%2C-Education-and-the-University%3A-A-to-of-Friesen-Cressman/1478952953ac64f88320da97ab45ef1e4f704357#related-papers>. Acesso em: 16 de março de 2020.
- GEOGHEGAN, Bernard D. After Kittler: on the cultural techniques of recent German media theory. **Theory, Culture & Society**, v. 30, n. 6, 2013, p. 66-82.
_____; KASSUNG, Christian. Friedrich A. Kittler, Professor. **Critical Inquiry**. Chicago, n. 42, 2016, p. 963-977.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. **Corpo e forma**: ensaios para uma crítica não-hermenêutica. Org.: João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998.
_____. **Produção de presença**: o que o sentido não consegue transmitir. Rio de Janeiro: Ed. Contraponto, 2010.

- KITTLER, Friedrich A. **Die Austreibung des Geistes aus den Geisteswissenschaften: programme des Poststrukturalismus**. Padeborn, Alemanha: Schöningh, 1980.
- _____. **Discourse Networks: 1800-1900**. Stanford, EUA: Stanford University Press, 1990.
- _____. Den Riß zwischen Lesen und Schreiben überwinden: Im Computerzeitalter stehen die Geisteswissenschaften unter Reformdruck. **Frankfurter Rundschau**, 12 de janeiro de 1993.
- _____. Universities: Wet, Hard, Soft, and Harder. **Critical Inquiry**, v. 31, n. 1, outono de 2004.
- _____. Unpublished Preface to Discourse Networks. **Grey Room**, n. 63, 2016, p. 91-107.
- _____. **Gramofone, Filme, Typewriter**. Trad. Daniel Martineschen, Guilherme Gontijo Flores. Belo Horizonte e Rio de Janeiro, Editora UFMG e Ed. Uerj, 2019.
- LÖFFLER, Petra; LOVINK, Geert. The aesthetics of dispersed attention An interview with German media theorist Petra Löffler. **NECSUS**, v.2, n.4, 2013, p. 545-555.
- KRAPP, Peter. On collegiality: Kittler models Derrida. *Thesis Eleven*, v. 107, n. 1, p. 21-32, 2011.
- PETERS, John Durham. Friedrich Kittler's Light Shows. In: KITTLER, Friedrich A. **Optical Media: Berlin Lectures**. Cambridge: Polity Press, 2010.
- PIAS, Claus. What's German About German Media Theory? In: FRIESEN, Norm. (Org.). **Media Transatlantic: Developments in Media and Communication Studies between North American and German-speaking Europe**. Basiléia: Springer International, 2016, p.15-27.
- SCHREBER, Daniel Paul. **Memórias de um doente dos nervos**. Trad. Marilene Carlone. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- _____. **Memory of my nervous illness**. Nova Iorque: The New York Review of Books, 2000.
- SIEGERT, Bernard. Cultural Techniques: or the end of the intellectual postwar era in German Media Theory. **Theory, Culture & Society**, v. 30, n. 6, 2013, p. 48-65.
- SLOTERDIJK, Peter. **Regras para o Parque Humano: uma resposta à carta de Heidegger sobre o humanos**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.
- SPRENGER, Florian. Academic Networks 1982/2016: the provocations of a reading. **Grey Room**, n. 63, 2016, p. 70-89.
- STANITZEK, George. Texts and Paratexts in Media. **Critical Inquiry**, v.32, n.1, 2005, p. 27-42.
- TELLES, Marcio. Medium/Forma nas Teorias Alemãs das Mídias: um exercício em “arqueologia epistêmica”. Anais do 39º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2016.
- _____. Imagens do pensamento das teorias da comunicação: geocomunicologia como proposta teográfica. Anais do 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. 2018.
- VON HERMANN, Hans-Christian. Media Culture: Bildung in the Information Age. In: CHAMPLIN, Jeffrey; PFANNKUCHEN, Antje (Orgs.). **The Technological Introject: Friedrich Kittler between Implementation and the Incalculable**. Nova Iorque: Fordham University Press, 2018, p. 184-192.
- WINTHROP-YOUNG, Geoffrey. Cultural Studies and German Media Theory. In: HALL, Gary; BIRCHALL, Clare (Orgs.). **New Cultural Studies: adventures in theory**. Edimburgo: Edinburgh University Press, 2006, p. 88-104.
- _____. **Kittler and the Media**. Cambridge, Reino Unido: Polity Press, 2011.
- _____. Cultural Techniques: Preliminary Remarks. **Theory, Culture & Society**, v. 30, n. 6, 2013, p. 3-19.